NOBRE CIDADE

MEMORIAS

DE

VICENTE PINHEIRO DE MELLO

ANNO DE 1909

Vicente Pinheiro de Mello

COIMBRA
NOBRE CIDADE

MEMORIAS

Com uma carta-prefacio

DE

AFFONSO LOPES-VIEIRA

LISBOA

Anno de 1909

CARTA-PREFACIO

Querido Amigo:

Por mais que nos digam, Coimbra tem duas grandes vantagens, e faculta uma decisiva experiencia (inda que muito perigosa) sobre os caracteres, analoga á de certas molestias: quem logra resistir, fica vacinado para toda a vida.

Em nenhuma outra banda, como ahi, nos aproximâmos do povo; e o povo, meu rapaz, é, como tu sabes, a unica gente interessante, para mais num païs que possue a burguesia mais

egoista e inestetica do mundo. Aprendendo a conhecê-lo, aprendemos a amá-lo, a admirar suas virtudes e a perdoar seus defeitos.

Aprendemos, sobretudo, a saber como elle sofre, e de este intendimento ficará sempre nas nossas vidas uma fecunda simpatia por esse supremo poeta, que se vinga a cantar de amor e a bailar, da indiferença ou dos maus modos com que todos o tratam.

Depois, Coimbra aproxima-nos da Paisagem. Creio que homem nenhum, que ali haja passado, deixará de ter admirado, numa bemdita hora, por menos religiosa da Beleza que seja a sua alma, um poente ou uma arvore, um roseiral ou um luar.

Não será da contemplação da Paisagem — a mais pura e desinteressada das contemplações — que para as almas influirão, beneficas, mais harmonia e candura e maior capacidade de ser irmão? A paisagem de Coimbra, toda feita de humidos longes, desabrocha num Ar com que mais nenhum na terra se parece.

Nessa iluminada penumbra, os sonhos, que lá são os gnomos do incantamento, embalados no colo aereo das neblinas, podem abrir á luz seus olhos misticos, sem que as melindrosas pupilas se magôem...

Entre os nossos companheiros, tu eras o menos «literato» e o mais poeta. Porque eras tu quem

possuia maior porção de alma capaz de communicar com o Povo e com a Paisagem.

Não publicavas versos: preferia-los nas bocas das raparigas, com beijos. Não buscavas, curioso, nas vitrinas do amigo França Amado, o ultimo romance francês: namoravas da tua janela as «arvores do teu amor» e aquelle inolvidavel Rio-fantasma, de cuja agua o bispo do Porto, Dom Rodrigo da Cunha, dizia «se podia afirmar que conserva e apura os engenhos.» E vadiavas por esses arredores, a que o Nobre chamou Santos Lugares, *como um paisagista que, em vez de as pôr na tela, no coração guardava as emoções da sua arte, com melhor*

amor, em cada dia, por essa obra prima que um Deus infinitamente lirico, de certo um pouco morbido, criou num momento de maravilha, para nos fazer nostalgicos das paisagens do Outro-mundo...

De esta fraternidade com o povo e com a terra — que foi um pouco tambem de todos os nossos amigos, mas era muito bela na tua alma — nasceu o que se poderia (um pouco pedantemente) chamar a paixão etnografica, e esse livro de versos que eu com saudades recordo — a tua casa, terno museu de folque-lore português. Essa paixão de esteta enamorado das obras rusticas, tão sinceras e comoventes, do povo artista, que nos consolam dos

*

odiosos bibelôs da moda, era a que te fazia preferir ao mais sumptuoso Saxe o mais humilde prato da rua da Loiça, com sua pinturinha e seu distico, muito goticos. Era essa doce paixão que, annos depois, em Berlim, e agastado com o senobismo da Diplomacia, te obrigava a consultar o Borda de Agua, *para verificar a data do Espirito Santo.*

E era ainda o amor das coisas sinceras e naturaes, que te tornava rebelde ao lente e á sua sciencia sonambula.

No dia em que embarcaste, com as tuas «cartas», na estação, todos os teus vizinhos da Couraça e muita mais gente miuda, vieram despedir-se de ti com lagrimas.

Nesse dia, tambem, a Universidade devia de exultar, porque se libertava de um dos seus alunos que resistiu, com mais sonhadora coragem, á deformação imposta por seus metodos.

Não estudar, em Coimbra, seguramente encontra seus motivos na unica parte divina do nosso pobre ser, o sub-consciente: — é a defesa subtil do nosso instinto àlerta!

Por isso as tuas Memorias, que a tua amizade excelente quis que duas palavras minhas acompanhassem, são muito vividos piquenos poemas de ironia e de saudade. Saudade e ironia, eis com efeito o que nos sugere a nobre cidade, em cuja atmosfera

de evaporadas perolas, florecem tão desincontradamente as coisas da ternura e as do comico: a Canção e a Sebenta, o Doutorismo e o Choupo... Ah!, mas nós somos demasiado artistas para destruir do Passado o quer que seja, quando a coisa arcaica se enobreça com a patina que internece os olhos. Não, nós não queremos destruir a Universidade; nem tampouco cuidâmos em estragá-la remoçando-a, como esses assassinos que rasgam a carne exangue e mimosa das varzeas e das insuas com seus telhados acres de marselha. Por minha modesta parte, acho facil este sonho.— Fundar-se-ia em Lisboa uma Universidade, pelo Espirito Moderno

animada, onde escolares e mestres, confraternizando, iriam criando o Portugal novo por que nós todos morremos de saudades — do futuro!, e donde saissem homens apetrechados com a força do saber, aptos para a alegria suprema e redentora do trabalho e capazes da gloria de admirar.

A par dos cursos regulares, os nossos melhores e inacademicos professores e artistas, engenheiros e contramestres, fariam, nas suas salas, entre a atmosfera fremente e clara do bairro das Escolas, *conferencias para estudantes e operarios...*

Entretanto, a Universidade de Coimbra ficaria intacta, com o seu metodo, com o seu palio, os seus

prelados, o seu juramento sobre a Imaculada Conceição, emfim toda a sua alma do seculo 17, donde tem manado para este belo alpendre posto em cima do mar, ó patria nossa, a graça inefavel da sua influencia! Ficaria intacta, com uma condição apenas. —A de não ter alunos.—O lente teria a bondade de dizer ao palido ambiente das aulas, o seu misterioso verbalismo...

A Universidade seria, assim, o palacio incantado dos Capelos, o vivo museu da sombra, movendo-se ao som de espectraes badaladas. E tudo isto, sem já guardar os perigos da peste da catedra, de que o iluminado panfletario Antonio Vieira fala algures:—

E por esta perversão das letras e dos letrados, as mesmas universidades e cadeiras donde havia de manar a saude publica, vêm a ser o veneno, a ruina e a peste dos reinos: *Cathedra pestilentiae.*

E Coimbra seria uma de essas cidades chamadas mortas, porque nellas a vida cristalizou em sonho e presença do Outrora. Seria a suave irman da Bruges pluviosa e da maravilhosa cidade do Santo, na meiga Ombria, onde as legendas evocadas e visiveis *e os segredos do Silencio, chamam os homens de todos os confins.*

E então, ao chegarem a terras do Mondego, a um tempo floridas e fanadas, cujo inesquecivel

Ar recorda as finas palavras de Isabel d'Este sobre o claro-escuro de Leonardo: — la soavità d'aere... — *então, esses romeiros de certo preguntarão, como nós preguntámos, tocados da graça do Sonho esparso que se respira e de tudo se evola:*

— *Para àlem de estes ceus, de estas aguas e de estes montes,* — *acaso haverá mais mundo?*

Abraço-te e sou sempre
tibi amicissimus

AFFONSO LOPES-VIEIRA.

Lisboa, Abril, 09.

A

MEU PAE

Coimbra, nobre cidade,
Que fazes aos estudantes?
Vão para lá uns santinhos,
Voltam de lá uns tratantes!

(Cantiga do Povo).

AO LEITOR PIO

Encontrei esquecidos, por um dia triste, em Berlim, n'uma velha pasta em que nunca mais tocára ia para quatro annos, alguns manuscriptos meus entre desbotados papeis. Eram carinhosas recordações da minha vida de estudante, onde tanta cousa passou roçando o meu coração e despertando o meu espirito.

Reli-os. E n'essa hora nostalgica, longe já d'esse tempo despreoccupado e alegre, e mais longe ainda da amoravel terra que é, para todos nós que por lá passámos, a mais doce e enternecida recordação da nossa vida, lembrei-me

de colligil-os em volume, accrescentando-lhes meia duzia de paginas de saudade — da saudade que para sempre ficou presa a alguns logares d'essa linda e abençoada terra portugueza.

Publicando agora em livro estas singelas e descoloridas prosas, por onde adeja ás vezes uma ironia inoffensiva e leve, não tive em vista mais do que fazer resuscitar n'um sorriso do meu desilludido coração, a grata lembrança do meu tempo de Coimbra, — o tempo em que a amarga realidade da vida não conseguira ainda transformar em lagrimas a sadia gargalhada dos estouvados vinte annos!

Casa S. Bernardo,
Cascaes, Outubro de 1908.

CARTAS REPROVADAS

«Não só o estylo, mas o assumto d'algumas cartas, sey que ha-de ser reprovado.»

CAVALHEIRO D'OLIVEIRA.

CARTA SOBRE A UNIVERSIDADE

PEDE-ME o meu preclarissimo Amigo duas breves palavras para um grosso e substancioso volume, em preparação, que modestamente intitula «Historia e Evolução do Ensino na Faculdade do Direito» d'esta Universidade, que o meu preclaro e não menos douto Amigo confessa timidamente conhecer apenas pelos bilhetes postaes illustrados, que a representam, airosa e esbelta, dominando com a sua torre soberana esta doce paizagem de novella.

O seu amavel convite deixou-me per-

plexo! Só então reparei, com assombro, que eu proprio não albergava no meu cerebro uma ideia definitiva do que fosse a Faculdade de Direito.

Hesitei na resposta. O meu destemido e obstinado Amigo arremeteu com outra copiosa missiva, em que me insinuava, entre irrefutaveis argumentos, que o meu criminoso silencio fizera parar, por falta de dados historicos, na sua fogosa erudição, o laborioso estudo com que pretendia robustecer a nossa tão anemica litteratura juridica. O «anemica» é de V. Ex.ª.

Commovi-me. Eu, embora o não pareça, amo a sciencia. E logo decidi lançar mão do «Roteiro Illustrado do Viajante em Coimbra», á venda em todas as livrarias. Mas apenas, em lettras garrafaes, deparei com estas solemnes palavras: a Universidade é o primeiro estabelecimento scientifico do Paiz, puz de parte

o «Roteiro». O Roteiro era ambiguo. O estabelecimento seria o primeiro, por ser unico?

A Universidade tem dois aspectos curiosos. O exterior, que o meu esclarecido Amigo declara com amargura conhecer apenas do postalsinho, e a alma oculta, mais velha ainda do que as velhas e denegridas paredes do edificio, e que vem a ser o ensino da novissima Sciencia do Direito.

O Lente de Direito em Coimbra é um ser á parte, omnipotente e ponderoso. Julga-se elle differente de todo o genero humano: noção esta que lhe dá ora os ares trovejantes do Deus da Biblia, ora a serena majestade dos sacerdotes de Osiris!

A Cathedra é um symbolo! Estou já a vêl-o d'aqui, meu abalisado Amigo, horrorisado com o meu paradoxo. Socegue, eu lhe explico. A Cathedra é um

symbolo. O symbolo é o Lente. O Lente, segundo Eça de Queiroz, foi crasso e cruzio. Hoje é ainda cruzio, mas progrediu um pouco na hygiene. Mas quem é esse Lente?, dir-me-ha, com justa razão, o meu estimabilissimo Amigo, embora elle não acredite que a sua fama aureolada não tenha chegado, como um canto victorioso, ao seu ouvido prescrutador.

Eu lhe digo. O Lente de Direito (com excepção, é claro, dos que são meus amigos), é um só, que appellidos diversos distinguem entre si.

Os seus livros, os seus compendios, as suas theorias, são nebulosas interrogações, que por mais modernos que elles os affirmem, uma vez entradas nos seus respeitaveis cerebros teem o condão de pender, emurchecidas, como as flôres das poesias de Thomaz Ribeiro. Assim se explica, meu preciosissimo Ami-

go, o facto tão vulgar da morte arrebatar da vida um d'estes illustres balões venezianos da sciencia (porque o Lente não é eterno), e o seu substituto, trocando apenas o nome do collega morto pelo seu, começar a preleccionar sem alteração d'uma virgula e dando assim logar a lamentaveis equivocos. Discipulos ha que chegam a affirmar, mesmo debaixo de palavra, ser o phantasma do professor morto que ali está deante d'elles, mais acabadinho e pallido pelas longas noites do Pio . . .

Desde o marquez de Pombal, o secco reformador da Casa do chorado Rey D. Diniz, que Deus haja, o lente de Direito entendeu dever, em respeitosa homenagem á sua memoria, conservar no mesmo pé de adiantamento a mui esclarecida e nobre sciencia universitaria. D'este louvavel intuito, meu respeitavel Amigo, resultou por vezes uma revol-

tante e injustificavel campanha contra o ensino d'esta recreativa e douta Faculdade.

O Lente, ante a furia demagogica, chegou a ser apodado, sem o menor escrupulo, de retrogrado!

Houve mesmo um instante em que a cathedra, no seu temido esplendor, pareceu vacillar perante um mar de tempestuosas reclamações. O Lente intangivel que durante seculos se conservára fechado n'um sympathico mutismo, pareceu acordar como que estremunhado aos gritos d'uma multidão irreverente, e declarou solemnemente a Reforma.

E n'esse dia triumphal, ainda não distante, que marca uma nova Era, toda progresso e luz, (segundo a eloquencia dos *ursos)* o Lente confirmou do alto da cathedra, deante d'uma multidão boquiaberta de discipulos, que a sebenta, manancial scientifico domiciliario, passa-

ria no proximo anno lectivo a ser — impressa. E assim, em pleno seculo vinte, se deu o primeiro gigantesco passo para refrear as reclamações revolucionarias.

A Universidade, n'esse memoravel dia, avançára impavidamente da sebentaria da rua das Cozinhas para a Imprensa da Universidade.

As reclamações, comtudo, não paravam. Era preciso mais! O Lente então introduziu — a Bola, adoptada annos antes com louvavel successo pela Santa Casa da Misericordia. A caderneta foi posta de parte. Mas o Lente, sempre refractario no fundo a innovações, continuou a dizer, por habito, bem entendido, ao alumno que á porta da aula, tremulo e receioso, corria a informar-se do resultado da lição: «O senhor estude, que prometto tornal-o a chamar... á bola!»

Aqui tem, meu preclarissimo Amigo,

para o seu substancioso volume em elaboração «Historia e Evolução do Ensino na Faculdade de Direito», as duas mais soberbas novidades introduzidas no fugitivo espaço de dois seculos, n'este fecundo ventre scientifico, a que vulgarmente se chama a Universidade.

Com os meus protestos de admiração pelo seu alto espirito investigador, creiame como sempre, amigo grato, e vagaroso alumno d'esta douta Universidade, onde espero pacientemente, não direi já a formatura, mas ... a reforma.

Coimbra, 1905

V.

CARTA SOBRE A ORIGEM ETHNICA DO URSO

PERDÔE-ME, mas decididamente o meu abalisado Amigo não é, como á primeira vista possa parecer, um homem. O meu insaciavel Amigo é, na ordem das coisas, bem entendido, mais alguma coisa ainda, isto é, uma poderosa machina pensante, em que o motor é o seu cerebro e a materia, para mal dos meus peccados, é, neste caso, nem mais nem menos do que a minha paciencia. Assim, mal a minha carta teria tido tempo para chegar ao alcance do seu conspicuo olhar de myope (porque sem

offensa assim o phantasio), já hoje me chega nova missiva em que, á mistura com os agradecimentos do estylo, pelos méus conceituados e inestimaveis apontamentos *historicos* sobre a Universidade, me pede sem mais preambulos alguns succintos dados, tambem historicos, para um embaraçoso (sublinha esta palavra) tomo em preparação, intitulado «Origem Ethnica do Urso» isto é, do estudante laureado da Faculdade de Direito.

Decidi não responder. O meu primeiro movimento foi de revolta. Confesso, cheguei mesmo, enfastiado, a atirar sem respeito a carta para o lado. O meu desenfreado Amigo, decididamente, abusava! Porém mais tarde, serenando, peguei na carta, e ao lê-la, atravez das suas afflictivas linhas, pareceu-me vê-lo rubro, debruçado, com as grossas narinas dilatadas, arfando desalentado sobre um velho e amarellecido Diccionario de Faria,

edição de 58, procurando febrilmente, num supremo desespero, a definição anciada. Vi-o depois, a mão cabelluda espalmada sobre a testa luzidia escorrendo em suor frio, desilludido, sobre esta cruel e laconica definição: «O urso é um animal feroz cujo corpo é coberto de pêlo mui comprido». Vi-o então perdido, prestes a naufragar num procelloso mar de duvidas e de incertezas. Corri em seu auxilio. Aqui me tem, preclarissimo Amigo.

O Diccionario, embora á primeira vista lhe parecesse incongruente, estava certo. O urso é realmente feroz, e seu corpo peludo é. Mas o que os distingue entre si, ao do diccionario e ao de Coimbra, perguntar-me-ha, attonito? Responder-lhe-hei simplesmente, sem detalhes minimos, estimabilissimo Amigo. O urso (não sendo o de Faria) é um animal manso cuja alma é coberta d'aquellas mimosas dedadas que os lithographos imprimem

no papel branco em que tocam. E' um carnivoro temivel—da carne dos expositores. O successo depende, então, unicamente, de dois factores: o da abundancia das viandas, e o da *velocidade adquirida*. O primeiro, o da abundancia, completa-se com o da nacionalidade, e tambem com o facto de o alumno dar preferencia sobre todos os autores citados (não se esquecendo de o preceder do adjectivo: notavel) a qualquer Dissertação Inaugural d'algum illustre ornamento d'esta Universidade—uma d'essas Dissertações que teem todo o singular aspecto das cincoentonas *coquettes*. Quanto ao segundo, o da velocidade adquirida, consiste em atropelar o maior numero de palavras no menor espaço de tempo, guardando sempre um discreto sigillo sobre a sua opinião pessoal. Porque, meu Amigo, as opiniões pessoaes são bastas vezes opiniões fataes para os que se atrevem a

pensar, crime nefando! com a cabeça propria. O animal, pois, cujo corpo, etc., nessa hora solemne proclama aos quatro ventos a immortalidade do seu genio. No fim do anno chovem sobre a sua cabeça... de urso, premios, accessits e distincções. O alumno desde esse dia passa a ser como que um phenomeno sobre-natural. Os lojistas da *Baixa,* em pantufas e graves, curvam-se respeitosos á sua passagem. O Futrica da *Alta* corre pressuroso á porta do estabelecimento, a saudal-o. Mas os choupos da Estrada da Beira, esses cabulas, murmuram á sua passagem:—Que massada... D'ahi para o futuro, creio justamente que por a não ter, a sua opinião é um dogma. Findo o curso, recolhe-se, não como talvez estivesse indicado, á jaula, mas á sala dos Capellos, onde ao som arcaico da charamella desabrocha em Lente.

Aqui o tem! Desculpe o meu Amigo se lhe não bastam estas noções rapidas mas exactas. O Diccionario, como vê, estava certo. A sua conscienciosa obra «Origem Ethnica do Urso» está de pé, esplendida e poderosa. Mãos á obra e creia-me, com a maior consideração, dia a dia avolumada pelas suas formidaveis faculdades productivas, seu até á morte, incansavel alumno da Faculdade de Direito,

Coimbra, 1905.

V.

CARTA
SOBRE O BOHEMIO

De duas uma, ou as suas cartas param, ou me vejo forçado a recorrer ao attestado . . . por doença! Com certeza, na furia da investigação, o meu leviano Amigo não reparou nos compromissos que me está criando. Eu lhos digo. A sua obra começa a estar indissoluvelmente ligada, com as minhas ajudas constantes, á minha modesta personalidade. O meu timido Amigo habituou-se a mim. Já não sabe andar só. D'ahi o meu persistente receio em que o Instituto de Coimbra, douta aggremia-

ção d'esta cidade, que eu muito temo e respeito, lhe abra as discretas portas e, quando menos o espere, me encontre a seu lado, em fraternal convivio, com o cordão ao pescoço!...

O meu Amigo, com indesculpavel esquecimento pelos meus arduos deveres escolares, parece propositamente affeito, com o seu abundante questionario, em roubar-me o tempo de que tanto careço, para honra e gloria desta Universidade, sem a attenção devida,—talvez o ignore—, ao exiguo numero de dispensas (farpas) destinadas pelo escasso Regulamento a decorar o Lente á porta da aula. As dispensas em *su sitio,* meu Amigo, são apenas as quatro resignadamente acceites pelo professor, porque as *falladas* á porta da aula, raras vezes surtem o ambicionado resultado. A lucta, como vê, é desigual, estou mesmo em dizer arriscada. Vejo-me portanto forçado, bem

contra minha vontade, a dizer-lhe a minha quasi impossibilidade de simultaneamente arrostar contra duas e tão trabalhosas ocupações. Porque emfim, o meu Amigo já me vai parecendo Lente, e já nas suas repetidas cartas o meu olfato descobre aquelle perfume que o Lubin por seu mal ignora, e é o da tinta fresca das sebentas. A questão está portanto posta nestes termos, de onde não ha que fugir. O irrefutavel dilemma é este: optar por elles, Lentes, ou por V. Ex.ª. Entre os dois, não hesitarei um só instante. Irei por elles. Devo-lhes tudo, é mesmo uma questão de antiguidade ou, melhor, de habito adquirido pelos annos.

Depois d'estas justas, mas amigas admoestações, presadissimo Amigo, entremos, pela ultima e irrevogavel vez, no desejado assumpto. O Bohemio, meu inexgotavel Amigo, era um ser com-

plexo. Havia-os de varias especies, mas um só verdadeiro... que Deus haja. O morto, esse mixto de estudante esturdio e sentimental, decerto o objectivo das suas pesquizas neste caso archeologico — morreu. Nada resta delle, meu Amigo, a não ser a sua carinhosa lembrança, que vive presa ás coisas de Coimbra.

Mas que ficou, dir-me-ha, desse typo de estudante, poetico e romantico, sem livros, atravessando, com os quartos no prego, esta vida de Coimbra, numa alegria estouvada e franca, entre um dito de espirito e um verso d'amor? Quando muito, algumas incaracteristicas vergonteas de bachareis em embryão, ocos e prudentes, batinas armando pretenciosamente em sobrecasacas. Esses jovens conselheiros, tendo passado a semana empinando, virgula por virgula, as 16 paginas da sebenta, chegando ao sabbado, ambicionada vespera de feriado,

correm ruidosamente á Baixa, em grande algazarra, fingindo-se bebados . . . por amor da Lenda. Chegados uma vez ao quinto anno, na noute da recita, com os olhos fitos no ideal . . . d'uma administração de concelho, despedem-se, nostalgicamente, perante as familias, dessa bohemia famosa, num adeus muito sentimental. (Chama-se a isto a Ballada do 5.º anno . . .)

A nossa correspondencia epistolar fechou-se. Fico, portanto, esperando, para a saber por si, a Historia Patria. Uma coisa lhe aconselho, porem, e quanto antes — a morte. A sua missão está cumprida. O necrologio, com o adjectivo «irreparavel» referindo-se á perda, esperam-no. O paiz chora-lo-ha, pela sagrada voz da imprensa, sempre solicita ao panegyrico, pranteando-lhe em luctuosas palavras o inopportuno passamento. O meu Amigo já deu o que tinha a

dar. Morra, portanto, descançado, na serena tranquilidade d'uma missão cumprida e creia-me seu do coração, amigo certo, inamovivel alumno do primeiro estabelecimento scientifico do paiz,

Coimbra, 1905

V.

AO

AFFONSO LOPES-VIEIRA

COIMBRA LEDA

«Vão as serenas aguas
Do Mondego descendo...
....
N'esta florida terra,
Leda....»

CAMÕES, *Canção IV*.

O THEATRO MODERNO

Uma noite, pelas velhas horas da treva, acordei estremunhado pelos gritos de alguem que desesperadamente me chamava da rua. Corri á janella! Era o Duffner. Precisava urgentemente falar-me. Vesti-me á pressa e em menos de dois minutos entrava em sua casa, alli, a dois passos da minha, na Couraça de Lisboa. Contou-me então, sem me dizer como nem porquê, que arranjára dois elementos artisticos de primeira grandeza e que precisava infalivelmente, n'essa mesma noite, da minha collaboração para fazermos uma peça de theatro . . . moderno. Iriamos a Aveiro dar uma representação, o suc-

cesso seria completo. E lucros certos! E emquanto eu, attonito, meio estremunhado ainda, o considerava, elle desenrolava vertiginosamente phantasticos projectos de Gloria e Oiro.—Mas o que será a peça, acudi a medo, tens algum projecto? Ao que elle me respondeu bruscamente, apontando-me uma cadeira:

—Uma peça moderna e é quanto basta, já te disse.

E, em traços largos, n'um gesto soberano, a tinta vermelha, deixou cahir sobre o papel, em lettras garrafaes, o seguinte titulo:—*O Chá da Viscondessa!* Começámos a escrever. As scenas succediam-se vibrantes, umas após outras! A peça, lembra-me bem, passava-se na estação central dos correios e telegraphos. Havia,—era o personagem principal,—um empregado dos correios, typo zeloso, que um dia se via forçado a carimbar, pelas suas proprias mãos, uma carta de um

seu rival, estudante de Theologia, para a sua propria mulher. Travavam-se então dialogos inflammados entre a consciencia *profissional* do burocrata e as emoções do marido enganado e offendido. A situação era empolgante! O amanuense vinha á bocca da scena empunhando n'uma das mãos um enorme carimbo (symbolo do Dever) e na outra a carta adorada (symbolo da Traição), monologando apostrophes violentas ao dever profissional que cynicamente lhe esmagava o coração trahido. Por fim ouvia-se uma enorme pancada, uma pancada secca, vibrante, sobre a meza. A carta fôra carimbada!... A consciencia triumphante e bella, vencera o coração. Cahia o panno. Era manhã. Começou-se, então, a leitura da peça e no fim, a medo, objectei:

— Mas a que vem, dir-me-has, o *Chá da Viscondessa,* se em todo o de-

correr da peça não se falla uma só vez, sequer, n'uma só palavra que justifique o titulo? Então o Duffner, sem se alterar, pegou na penna e fez a seguinte chamada no papel: *Depois de cahir o panno sobre a scena final do amanuense vencido pelo dever profissional, torna-se novamente a levantar o panno, atravessando, pela primeira vez, o palco, um individuo regularmente trajado, frack, luvas e chapéu de côco, agitando nervosamente n'uma das mãos uma badine, e que, atravessando a scena, dirá: Sempre vou hoje tomar chá a casa da viscondessa!* Cahia novamente o panno e estava justificado o titulo...

Berlim, 1908

O CODIGO CIVIL,

POEMA LIRICO

Uma noite ao chegarmos, como de costume, ao quarto do poeta Affonso Lopes Vieira, na sua casa dos Palacios Confusos, onde não houve loucura que não sonhassemos e que não tivesse a sua immediata realisação, o poeta atirou-nos subitamente com uma idéa que lhe nascera momentos antes — idéa monumental que consistia em passar ao verso nem mais nem menos do que o proprio Codigo Civil em pessoa!

O Codigo Civil em verso! E pelo

nosso espirito deslumbrado subitamente se desenrolou o estranho effeito que traria no canto esse codigo hirto e severo pela noite velha na bocca das tricanas, ao som do estalado e do vira n'alguma dança de roda. Era, sobretudo, o regresso do Verso á sua origem primitiva, quando as Legislações eram rithmadas, para honra das Leis e commodidade dos povos, que assim as decoravam melhor. E emquanto nós applaudiamos carinhosamente a nobreza de tão tocante e commovente tributo á Tradição, antevendo já a definitiva glorificação do seu auctor na cantiga popular e no Poder Legislativo, o poeta, pedindo discretamente silencio, em voz grave e pausada lia-nos os seguintes artigos:

Art. 1.º

Isto parece-me incrivel,
Isto faz-me comichões!
Só o homem é susceptivel
De direitos e obrigações.

Art. 8.º

Que triste vida na choça,
Que vida sem lenitivo!
Ai! a lei civil não tem
Effeito retroactivo.

De todos os assistentes sahiram á uma freneticos applausos. O poeta, porém, interrompeu-nos, n'um gesto largo de desolação:

—Infelizmente, meus amigos, nos disse elle, não posso continuar. Oh! decepção tremenda!—E porquê, com mil diabos? gritou o Americo. A razão comtudo era simples: o poeta só conhecia dois unicos artigos—e de ouvido! Escusado

é dizer que nenhum de nós o ajudou. E assim ficou para sempre incompleta essa obra augusta!... *

---

* Affonso fôra já, não só o cantor d'algumas mulheres, mas, o que exige muito mais inspiração lirica — d'alguns lentes. Entre elles, o dr. Villela, cujo fado, cantado pelo meu amigo e antigo camarada o Cego Monteiro, ficou para sempre na Tradição popular. Certo de que o Dr. Villela sorrirá espirituosamente destas quadras, aqui as deixo, lembrando-me com saudade do esplendido effeito que ellas produziam ao luar ou nas ceias do Ruivo e do Magrinho, na musica que a voz do Cego espiritualisava!

É puro como estrella
E como um bébé rosado,
O Machadinho Villela,
O Villelinha Machado.

Tem um pudôr de donzella
E um arzinho recatado,
O Machadinho Villela,
O Villelinha Machado.

Olhou p'ra elle uma bella
E fez-se todo encarnado,
O Machadinho Villela,
O Villelinha Machado...

....
....

UMA NOVA ESCOLA DE TOUREIO

Nos fins de março de 1905, numa tarde, a Providencia concedera-nos generosamente entabolar relações com um hespanhol que a esse tempo fazia, sosinho, num barracão do Caes a «Feira de Sevilha». Baixo, chapeo desabado, melenas, jaqueta, botas cambadas. Feitos os cumprimentos do estylo, começou num cerrado castelhano contando, numa heroica epopeia, as suas gloriosas façanhas, nessa nobre e asperrima arte de Montes, de que era, modestamente o affirmava, o mais eximio cultor: — *El-*

Surdo (arrematara, por fim, dando dois passos á rectaguarda, n'um altivo e sobranceiro gesto) *ès tan conocido en mi tierra como el nombre de Alfonso XIII.* Esta declaração, lançada assim á queima roupa, rendera-nos. *El-Surdo,* cinco minutos depois d'esta indiscreta apresentação, fazia a sua entrada solemne no 71 da Couraça de Lisboa. *El-Surdo,* desde esse dia em diante, pertencia-nos. O barracão de feira, onde até então o deixavam trabalhar, numa imperdoavel indifferença pelas suas faculdades tauromachicas, quebrara.

No dia seguinte, a 28 de Março, Coimbra, foco luminoso da Sciencia, era enriquecida com mais uma nova Escola — a do Toureio, cuja cathedra foi superiormente occupada por *El-Surdo.* Por amavel deferencia para com o Regulamento Universitario, a aula installada no numero 71 da Couraça de Lisboa, co-

meçou a funccionar diariamente pelas 2 horas da tarde. *El-Surdo,* ao contrario do Lente, mostrou-se sempre refractario ao quarto de hora da tolerancia. Duas horas batendo na torre, e o Diestro como que impellido por uma mola, galhardamente desatava, passando de capa a primeira cadeira que se lhe deparasse no caminho. Pedroso Rodrigues, Annibal Soares e o auctor destas memorias, erão o jury encarregado de presidir ás lições, depois de prévio contracto dos respectivos Toureiros *. Os discipulos dia a dia multiplicavam-se; foi uma surpreza. Quantas vocações até então encubadas, perdidas, appareceram assustadoramente nessa

* Além dos já citados, eram elles Arnaldo Lima, Ladislau Patricio, João Franco, João Santiago, Americo da Silva Carvalho, Alves de Mello, Campos Henriques, João Brito e outros. Dada esta multidão de vocações, fiquei desde então crendo que dentro de cada homem vive, latente, um toureiro.

obra de Resurreição... Tauromachica. *El-Surdo,* decididamente, desde o primeiro momento, arrebatara-nos. O seu trabalho era um delirio de «Carambas, Salga el toro, Viva tu Padre, Mire Usted», etc., em que os moveis andavam num redopio constante debaixo do seu capote rubro ensanguentado!... Uma vez finda a sessão, gentilmente, abandonando o seu logar de professor, punha-se á disposição do jury—para ser lidado.

Tinha logar então, no meio dum discreto silencio, a sorte de morte, em que raro era o dia em que o Diestro não deixava de vir bater, estrondosamente, com os costados no chão, subjugado, vencido por tanta pericia! *El-Surdo* revelava-se assustadoramente e duplamente inimitavel no arriscado exercicio dessas duas espinhosas e desencontradas profissões—Diestro e Toiro.

Passára um mez. O enthusiasmo, de

hora a hora, longe de afrouxar, crescia sempre. *El-Surdo* fôra, para nós, nessa brilhante épocha, nem mais nem menos, do que a imagem da Revolução, trazendo novos ideaes. Assim, tão embebidos andavamos nessa nova profissão que abraçaramos de alma e coração, que a altas horas da noute, ao recolhermos a casa, entravamos a medo, aos quites, como se os proprios moveis fossem toiros de *verdad*. Era a loucura, era a febre do toureio, avassallando-nos, subjugando-nos as faculdades e os sentidos. A Praça, para nós, tornara-se um sonho formosissimo. Tentugal lá ao longe, sombreada de arvores, appareceu subitamente ao nosso espirito, numa hora feliz, como que chamando-nos, sorrindo-nos. Era a realisação d'um sonho que, ante nós, subitamente, surgia, em todo o seu fulgôr!

Berlim, 1908.

A ULTIMA CORRIDA DE TOIROS EM TENTUGAL

Tarde agreste de Abril. Pela atmosphera carregada e sombria sopra como que um vento fatidico de desgraça. O vasto circo aonde se vae travar a lucta titanica entre o homem e o toiro, é um modesto pateo da historica villa de Tentugal. Os lidadores, vestidos a caracter, no meio da arena, estão a postos. Nos camarotes, — um muro esboroado — senta-se toda uma multidão, ou melhor, escarrancha-se o espectador ancioso. A trincheira, destinada a receber os lidadores na sua valorosa

fuga, é um pobre carro de bois esquecido a um canto da praça, onde gallinhas indifferentes esgravatam na terra poeirenta. Numa janella derruida pelos annos, deitando para o tragico redondel, assoma a figura esguia do mavioso clarim Annibal Soares e a do affavel director da corrida, Pedroso Rodrigues. Movimento de surpreza. Pelo ambiente abafado e tepido pairam mais do que nunca os agoirentos presagios, sopra o vento fatidico das catastrophes. Dos espectadores a respiração parece sahir como que entrecortada, anciosa. A um signal do *intelligente,* imperativo e brusco, ergue-se em toda a sua magestade o clarim, dando o toque do estylo, vivido e sonoro. O colosso nega-se obstinadamente a sahir do improvisado curro onde momentos antes o enclausuraram e que era, a bem dizer, uma capoeira, — agora erguida ao nivel d'um

estabulo de vaca brava. O publico, avido de sensações fortes, debruça-se irrequieto, desenhando-se-lhe pelo rosto, mais do que nunca, a imagem do terror. Os lidadores impacientes continuam a postos. Estabelece-se um silencio sepulcral, rompido novamente por outro toque do clarim autoritario e vibrante. O monstro que, tudo o leva a crêr, não tinha ouvido o primeiro toque, decide-se fleugmaticamente a sahir. A esforçada quadrilha, nesse solemne momento, foge valorosamente entre gritos afflictivos. *El-Surdo,* o maestro da corrida, cae, no delirio da fuga, estatelado sobre o acolhedor carro de bois, que amigavelmente o acolhe e amachuca. Os destemidos capinhas José Bacellar *(El-Pepe)* e Vasco Borges *(El-Russo)* na denodada e honrosa retirada vão, bem entendido sem querer, de encontro ao bicho que, evidentemente contrariado, os attinge e

derruba. A arena deserta tem agora um aspecto desolador; apenas a um canto o animal, num impeto de furia, arremette com umas tristes e solitarias hervas que pasta mansamente. Presente-se, em todas as physionomias, que alguma coisa de horripilante se vae travar, quando repentinamente surge na praça o vulto poderoso do clarim (Romancista *Suarez)* que, depois de prévia licença do *intelligente,* vem, tal o Conde dos Arcos, vingar, num sympathico culto á Historia, não o filho querido, mas os estremecidos companheiros nas «lides afanosas» do Direito e do Toureio. De todas as direcções partem gritos afflictivos de soccorro, avolumando-se funebres vaticinios d'uma castastrophe inevitavel e imminente. O luctador altivo e corajoso, frente a frente, espera galhardamente, empunhando a capa, a fera que, num supremo desafio, sobranceira-

mente, continua pastando. Gritos de «Agarrem-no! Agarrem-no»! sahem de todas as boccas, embargadas de commoção. No céu uma nuvem negra, tristonha, supersticiosamente parece annunciar a morte. O toiro, depois de olhar duas vezes de soslaio, avança para o vulto que, num passe magistral, desapparece numa nuvem de poeira. O colosso fôra vencido! O clarim victorioso corre, modestamente, a occupar o seu logar, assomando de novo á janella. A multidão rompe numa salva de palmas, prolongada e estrondosa. A fera bruta, com a consciencia tranquilla d'um dever cumprido, recolhe-se ao curro, emquanto, á uma, os lidadores saltam á arena. *El-Surdo,* depois de bem certificado da clausura da fera, sobraçando com galhardia o trapo, grita: «Hombre! És mui facil, no hay novedad.» E assim se effectuou a 4 de Abril de 1905 a ultima

corrida de toiros em Salvaterra, realisada na historica Villa de Tentugal, que os cartazes pomposamente annunciaram: —Perfeição, Sensação e talvez Extrema-Uncção.

Berlim, 1908

MANUEL DAS BARBAS

— Quantas paginas para ámanhã?

— Já sahiu a sebenta?

— Ainda ha resto?

Vá, responde, Manuel... Não ouves? Não. Nunca mais aos seus ouvidos soarão estas perguntas com que quarenta gerações academicas atormentaram a sua philosophia e resignada paciencia. Morreu o Manuel das Barbas! Quem elle foi, inutil é dize-lo. Foi por assim dizer o mais amavel e irresponsavel dos cumplices de quanta asneira a Universidade tem produzido nestes ultimos quarenta annos! Assim, o seu passamento, que os jornaes noticiaram em laconicas palavras,

trouxe-nos á lembrança, numa grande evocação de saudades, essa pitoresca figura de velho bonacheirão, com as suas barbas biblicas, que o Centenario da Sebenta deixou immortalisada, concedendo-lhe até as honras do epitaphio, recitado no Theatro, pelo autor do *Auto*, e que elle proprio macabramente ouviu e applaudiu com as suas enormes mãos, muito negras, attestando o contacto criminoso da Sebenta:

> Aqui jaz Manuel das Barbas,
> Trabalhou muito e bebeu:
> Litographava sebentas,
> Mas foi feliz: nunca as leu!

Meu velho Manuel, neste grave momento da tua morte, não resisto em lembrar aos estudantes de agora, que foste tu, com o teu ar de sceptico, quem em Outubro, em vespera da abertura da Universidade, bebado, cambaleando, apoiado ao

hombral da porta, proferiste a tremenda verdade que, como sentença divina, nunca mais pela vida fóra se conseguiu varrer do nosso espirito: «E' ámanhã o dia em que se começa a estudar a maneira de se não estudar.»

Acompanhando estas palavras tuas, meu velho, tocava a Cabra na torre, a Cabra, cujo timbre o Affonso definiu nestes versos, que ámanhã, como todas as bellas quadras, já não serão d'elle mas do povo:

A Cabra quando badala
Tem um ar de desengano;
Parece que diz á gente:
Cuidado co'o fim do anno...

Lisboa, 1909

A MINHA SERVENTE

Quem não conheceu a minha servente, a Guilhermina, com seus cabellos brancos abrindo em bandós sobre a testa engelhada?

Um dia, já distante, quando o Chico Valle se formou, fez, segundo os usos de Coimbra, o testamento do seu quarto de estudante. Deixou a capa a um, a cama, os codigos a outros. Fiquei eu com a Guilhermina, que fôra sem duvida o seu melhor tesouro. Ninguem mais pittoresco conheci ainda sobre a terra que a minha pobre e boa Guilhermina! Toda Coimbra a conhecia. A «Guilher-

mina do Vicente Pindella»! Era assim que indistinctamente a tratavam estudantes e tricanas.

Uma vez, numa volta de ferias do Natal, encontrei esquecida sobre a minha banca de trabalho uma cautella de prégo. Dizia assim: *Guilhermina Pindella, uma saia de baixo, usada, doze vintens e meio.* Soube depois que era assim que ella propria se assignava.

A Guilhermina foi para mim, durante dez annos de Coimbra, o mais extranho mixto de bondade e de rabugice que alguem possa phantasiar. Todos aquelles que frequentavam a minha casa nunca conseguiram da sua bocca outro tratamento que não fosse o de *tu.* Quando se referia ao patrão dizia sempre:

— O maluco sahiu, o maluco não está em casa.

Certo dia em que uma pessoa da minha familia fôra vêr a minha casa, já á

sahida, inquirindo informações minhas da Guilhermina, ella respondeu-lhe cheia de convicção, com a mais fria naturalidade:

— Elle é bom menino (e encolhendo os hombros) lá a cabeça é que não regula... Raio de mulheres!...

As suas falas eram sempre do mais inedito pitoresco. A's actrizes, por exemplo, a quem tinha um odio de morte, nunca lhes chamou senão essas *desavergonhadas do beneficio.* Companhia que chegasse a Coimbra, provocava nessa mesma manhã um sermão da pobre Guilhermina sobre aquellas que eram, no seu entender, incompativeis com o estudo do Direito Canonico do nosso visinho Paiva e Pitta.

Passava mezes a café. Uma tarde, o Chico Paes e Duarte Lima deram-lhe um bife. Esteve á morte. Tinha-se desacostumado de comer!

A sua especialidade em culinaria, para os outros, bem entendido, era o bacalhau assado. A certa altura, quando os convidados chegavam ao auge do enthusiasmo, em gritaria ensurdecedora, sem mais cerimonias punha-os no meio da rua, com muitos ralhos, á pancada!

A Guilhermina tinha, com os seus setenta annos, uma lesão cardiaca bastante adiantada. Uma noite de Maio, ao recolhermos a casa, encontrámo-la delirando sobre a cama. As fricções de petroleo eram, segundo ella affirmava aos quatro ventos por toda a visinhança, um remedio santo (da sua invenção) para os seus males. Corrí á janella e chamei o Duffner. Começámos a esfregá-la com o petroleo, mas como ella não melhorasse, corremos a casa do João Cid, quintanista de medicina, que já estava na cama, a contar-lhe o succedido. «Vocês são doidos. Petroleo! Mataram-na». E

por mais que nós tentassemos explicar-lhe que era o seu remedio do costume, o Cid gritava: Ponham-se fóra. Vocês são doidos. Mataram-na! — Passámos então o resto da noute, como dois criminosos, junto da porta da casa, certos da sua morte, sem coragem de bater. Já manhã, um de nós, encheu-se de animo e, com o coração confrangido, bateu á porta... Segundos depois, apparecia a Guilhermina, sorridente, com o seu avental branco de neve, aparentando vinte annos!

Um dia, em que numa aventura de amor desapparecera de casa, sem dizer agua vae, durante quatro dias, a pobre Guilhermina, lavada em lagrimas, correu a casa dum amigo contando-lhe o meu desapparecimento e inquirindo-o sobre o meu provavel paradeiro. Para a socegar, disseram-lhe que eu partira atraz de alguem — para o Brazil.

Quatro dias depois, ao regressar a casa, qual foi o meu espanto quando a pobre velha, louca de commoção, me cahia nos braços perguntando-me que tal achara o Brazil e porque lhe não trouxera um papagaio. A pobre Guilhermina não tinha a noção das distancias, embora estivesse convencida que já correra mundo por ter ido uma vez a Espinho. Cada desgosto universitario, com que o Lente me honrou, provocava-lhe tal alarido que juntava á porta, com os seus gritos aflictivos, a visinhança inteira!

Uma noite, em que eu dera uma ceia lauta na Avenida das Acacias (era assim que nós chamavamos ao pequeno quintal, pomposo nome que lhe vinha de ter ao centro uma acacia, embora não tivesse mais que uns seis metros de comprimento), nessa noute a Guilhermina indignou-se... Deixou-me deitar, e uma vez pegado no somno, entrou-me pelo quarto

dentro em marcial attitude, e solemne proferiu esta tremenda sentença:

— Um de nós, hoje mesmo, tem de sahir desta casa! Escolha: ou eu ou o senhor. (Era a primeira vez que me tratava por senhor.) Hesitei. Mas era noute e decidi ficar. A Guilhermina, por mais esforços empregados, não desistiu do seu intento e sahiu. No dia primeiro de cada mez, porém, durante os dois annos que ainda lá andei, era certa á porta de minha casa, com ar arrogante, a exigir a renda da sua nova casa. Dizia sempre:

— Vá que não faz favor nenhum, porque se o senhor tem sahido, ainda eu aqui estava.

No triste dia em que deixei Coimbra, foi o seu abraço o ultimo que recebi na Estação-Velha. E quando o comboio se poz em marcha, gritou-me, com a voz embargada de soluços:

— Olhe, menino, veja se toma tento, que já não é sem tempo!...

Minha boa Guilhermina, valerá a pena seguir o teu conselho?

Berlim, 1908

NOTA. — No dia em que o Raul Teixeira e eu nos formamos, puzemos no muro da Avenida das Acacias uma taboleta, voltada para a rua, onde uma enorme mão apontava os seguintes dizeres:

Raul Teixeira
e
Vicente Arnoso
Advogados
Habilitados

Na manhã seguinte appareceu escripto por debaixo da taboleta:

Bravo, bravo, levou tempo mas sempre foi!...

A

FAUSTO GUEDES TEIXEIRA

DE LONGE

Longe da vista, *perto* do coração.

DICTADO

SANTO ANTONIO DOS OLIVAES

É DOMINGO. As grandes ruas da capital, quasi desertas, teem um aspecto desolador. Comboios, carros, automoveis, desde pela manhã regorgitam de gente que corre para o campo, na ancia de viver o seu dia fóra da casaria symetrica, entre as arvores.

Ólho para a folhinha. E o meu portuguezissimo *Borda d'Agua* ensina-me que é dia do Espirito Santo; e o meu pensamento alheio e indifferente a toda essa multidão estrangeira, vôa, como por encanto, carinhosamente, para a Coimbra

longinqua, tanto do meu coração e do meu espirito.

Dia do Espirito Santo! E atravez da minha saudade, sempre quente e viva, julgo-me ainda a caminho de Santo Antonio dos Olivaes, a mais linda e poetica romaria do meu paiz distante. Todo esse passado resuscita em mim, resplandecente de luz e calor.

Oiço guizalhar as altas diligencias apinhadas de gente, sahindo dos Arcos do Jardim, cruzando-se por aquella bella estrada de Cellas fóra, por entre roseiraes em flôr, com grupos amorosos de estudantes e raparigas no seu caracteristico traje, o lenço, o aventalinho, o chale — esse chale de Coimbra em cujo simples traçar, compassado e dolente, a mulher põe uma graça exquisita, tão differente, meu Deus! do porte d'estas *Fraulein* de cabellos de cerveja e faces onde não floresce a violeta que circumda os olhos...

É mais alem o vasto recinto, povoado de capas negras e de cores garridas, em que os feirantes estendem as airosas talhas, as tilintantes campainhas de barro, o manjar branco, as arrufadas, os doces pasteis de Santa Clara e Tentugal.

Lá no alto vejo erguer-se, devotamente, a branca ermida, com a cal rebrilhante á luz forte, com a sua escadaria de pedra, rindo, muito branca, ao sol claro e festivo.

Toda uma multidão se move, alegre e contente, no meio dos pregões, docemente arrastados, das vendedoras ambulantes. Pelo ar lavado ha echos de canções, ha risos crystallinos de mulheres.

Volvo á minha saudade sempre quente e viva, e parece-me vêr Coimbra, como tantas vezes a vi, do adro da pequenina ermida, onde as oliveiras erguem para o ar os seus verdes braços, num gesto

de perdão, e julgo vêr lá ao longe a cidade, na desalinhada graciosidade da sua casaria, emquanto em baixo o rio de areias de ouro foge num delgado fio por entre sombras de choupos e salgueiros, arvores de ballada, arvores do meu amor . . .

E recordo-me da volta de Santo Antonio dos Olivaes . . .

A volta de Santo Antonio dos Olivaes . . . Alegre debandada, mas com não sei quê de nostalgico e de muito dolente . . . O ar anda cheio de beijos, cheio de murmurios de confissões de amor, as estrellas accendem-se no ceu, as flores rescendem, as vozes erguem-se, cantando, finas . . .

Todas ellas, as raparigas do meu tempo, desfilam agora, tão longe dos

meus olhos, tão perto do coração, e revejo seus perfís suaves, doces e tristes.

As suas imagens veem até mim, em carinhosa romagem, até esta fria Germania, dura de certo para os seus corações... São as irmãs da Alegria, Isabel e Deolinda,—que nós confundiamos no mesmo amor; a Rachelinha da Couraça, a Palmyrinha, a Candida, a Beatriz, a Fernandinha, a Dores, e tantas outras, tantas, cujos nomes só por si são musica de beijos, e nos meus labios deixam, quando os digo, perfumes de flor, gostos de fructos...

. . . .

Anoiteceu. Emquanto lá em baixo as ruas da cidade recuperam a pouco e pouco o seu monotono e ruidoso movimento, chega aos meus ouvidos, n'uma voz clara e harmoniosa, como ultimo echo dessa festa distante, esta quadra em que um dos maiores poetas da

nossa terra definiu a mais doce palavra portugueza:

> Esta palavra saudade,
> Aquelle que a inventou
> A primeira vez que a disse
> Com certeza que chorou!

Berlim, Junho de 1908.

SOBRE A MORTE D'UMA TRICANA

Há já oito annos que a sua voz d'oiro, por um lindo dia d'outomno, emmudeceu para sempre. Pobre Assumpção! Já lá vão oito annos desde aquelle dia, em que a pesada porta do hospital se abriu, para dar passagem a um modesto caixão onde ia encerrada, para sempre, entre quatro taboas de pinho rude, a mais amada e carinhosa das raparigas do nosso tempo.

Oito annos decorreram, breves e ligeiros, desde esse dia distante: e parece-me vêr ainda o triste acompanhamento

deslisando, indifferente, em direcção ao Pio, pelas ruas tortuosas da cidade alta, que durante annos ella enchera com a harmonia da sua voz e alumiára com a graça dos seus olhos. Já lá vão annos, desde esse dia longinquo, em que pela primeira vez, digo bem, pela primeira vez a não vi, mas desde que de lá sahi sempre que a invoco a vejo, como então, graciosa e linda no seu perfil suave de Santa Bysantina. Inda ha bem pouco, foi pela noite de S. João, (a primeira que ha quinze annos passei longe da amavel Coimbra) fiquei revendo entre doloridas saudades esse alegre e festivo S. João, com suas fogueiras e danças de roda e a grande poesia das suas canções. E era ella, a Assumpção, a minha pallida amiga, a que melhor e mais alegremente dançava . . .

Foi sugerida pela sua morte a ideia que tivemos de levantar no cemiterio de

Coimbra um monumento, muito modesto e bello, em honra da memoria das raparigas mortas. Comprar-se-ia o terreno, e no meio d'um canteiro, erguia-se um pedestal de pedra d'Ançã, sobre o qual uma cabeça sorridente, muito suave, nascida do bloco de marmore, penderia, com ar meigo, para a fauce hiante d'um dragão de bronze . . .

Entenderão os estudantes de hoje a poesia d'este padrão singelo, cuja ideia deixo aqui esboçada? Não sei. Emtanto, tu, minha querida Assumpção, musa de cem poetas, dorme descançada, dorme e sonha na boa terra—dorme, sonha . . .

Berlim, 1908

VINTE ANNOS DEPOIS!

(TRECHO D'UMA CARTA
A FERNANDO CESAR DE SÁ)

FALLAS-ME da nossa alegria, quando, volvidos muitos annos sobre a nossa formatura, nos juntarmos em Coimbra. A nossa alegria! Como te enganas, meu Amigo! Coimbra não será então para nós, se lá chegarmos, mais do que um morto. Cada saudoso recanto dessa querida terra, onde gastámos o melhor da nossa mocidade, será apenas para nós motivo de lagrimas. As raparigas do nosso tempo, com os seus cabellos prateados pelos annos, passarão por nós, como doces desconhecidas, a quem — com espanto, se nos dis-

serem quem são — não poderemos encontrar uma só feição daquellas a quem demos o melhor dos nossos corações. Os estudantes, serão para nós sombras apagadas de antigos companheiros. Cada querida casa, com seus novos moradores, trazer-nos-ha á lembrança, na mais dolorosa evocação, amaveis perfis de mulheres desapparecidas. A nossa alegria! Mas a nossa alegria, meu Amigo, morreu nesse dia distante em que pela ultima vez deixámos as ruas sombrias e familiares da cidade. E morta ficou! Uma vez que de lá sahimos, Coimbra deve ficar apenas vivendo, em nós, na lembrança cada vez mais viva do tempo que lá passámos.

Ha annos, quando ainda por lá andava, assisti a um dos mais tristes espectaculos de toda a minha vida. Era justamente a reunião dum curso que, vinte annos depois, corria a festejar em

Coimbra, num festivo jantar, visita á Universidade e monumentos (era este o seu programma) o anniversario da sua formatura.

Ainda me entristece o contraste d'aquelles homens, e a cordialidade simulada, tão fria, tão artificial, com que elles se fallavam . . . Eram os triumphadores cuja vida fôra sempre bafejada pela ventura e os infelizes, os falhados, para quem a sorte fôra sempre dura. Olhavam-se desconfiados, por mais que o não quizessem. Aquelles, com seus fatos ricos e as suas joias, gritando a sua prosperidade, os outros com os seus fatos coçados, dizendo a sua miseria. Abraçavam-se e os seus abraços eram frios e pelas suas phisionomias havia sorrisos que eram escarneos, havia risos que eram lagrimas.

Nessa mesma noute, a horas mortas, encontrámos um vulto junto do muro da Couraça. Aproximámo-nos: era um

d'elles. Tinha os olhos cheios de lagrimas, fitos numa casa proxima. E nas lagrimas desse triste desconhecido, que de certo durante o dia se mostrára jovial como os outros, estava escripta, em toda a sua dolorosa verdade, a triste elegia dos *vinte annos depois* . . .

. . . .

Lisboa, 1909

AVÉ, MARIAS!

Adeus, oh nobre Coimbra,
Cidade dos estudantes,
Adeus, bellas raparigas
Que sois o que eu era d'antes!

(D'uma antiga tricana).

AVÉ, MARIAS!

ORAÇÃO DO ESTUDANTE

Avé, Marias, cheias de graça, Coimbra é comvosco, bemditas sejaes vós entre as mulheres, bemditos sejam os beijos das vossas bocas. Lindas Marias, filhas do Amôr, cantae para nós, estudantes, agora e na hora da nossa morte. Amen.

A RACHEL

A SUA face é uma rosa que desmaiou com o primeiro beijo. E, desmaiada, a rosa sorri sempre... O seu corpo é um lyrio que desabrochou ao luar. E dentro das petalas do lyrio o luar ficou encerrado, e brilha. As suas mãos são duas nostalgias — nostalgias das pedrarias, do acariciamento das sedas e dos brocados.

O' doce, ó clara Rachelinha da Couraça, — Vaso Espiritual!

A PALMYRA

GIRA no teu sangue, Palmyra, a memoria dos principes teus avós. Por isso és triste e és languida como as rainhas desterradas.

Claros olhos. Cabellos negros, abrindo, em duas azas, no marfim eburneo da fronte. Toda uma raça de amorosos loucos no seu olhar vago, incendiado e triste. Perfil ingenuo, luminoso e casto. Linda engeitada de um amor perdido. Triste morgada de um solar desfeito.

Palmyra! Castellã sem castello,—Refugio dos Pecadores!

A ISABEL

FLOR exotica. Altiva e graciosa. Vermelhos labios, porto abençoado de desejos. Harmoniosa voz feita para o canto. Estouvada como as arveolas do rio. Pé tão pequenino, pé sem egual que a chinelinha mal aperta e cinge. Cabellos negros, farto manto, cobrindo o seu corpinho esbelto. Assetinada pelle onde os beijos se sepultam, felizes de morrer...

Rosa Mystica, Isabel, — Estrella da Manhã!

A MARIA JOSÈ

Olhos negros, profundos, mysteriosos. Olhos infinitamente tristes — duas almas. Quando ella passa, alta, esguia como um choupo, tão musical na fala e no andar, quando ella passa, de tão ligeira e leve, tem gestos d'ave na meiga gracilidade do seu porte desinvolto e dolente.

Doce perfil de Santa martyrisada, em que o sol moribundo parece vir expirar, illuminando a serena tranquilidade do seu olhar tão doce...

Doces creaturas, nascidas para amar, — Refugios dos Pecadores — bemditas sejaes vós entre as mulheres!

Coimbra, 1906

A

ANTONIO LINO NETTO

PEDRAS MORENAS

Igreja de Santa Cruz
Toda de *pedra morena,*
Dentro de ti ouvem missa
Dois olhos que me dão pena.

Do Povo.

SANTA-CRUZ

Doce Igreja, que todo o Largo namora. Claustro do Silencio. Restos da velha Cerca. Frondosa ramaria, a cuja sombra amiga os velhos embalam a sua velhice. Fontes frias de agua cantante, por entre o velho musgo, dizendo saudades de outrora. Carcomidos bancos, por onde os Cruzios alastravam o seu peso, onde hoje os namorados, pelas noutes escuras, segredam sonhos de amor, cantam hymnos á Vida. Festivos azulejos! Rusticos paineis de Santos, ingenuas paizagens de caçadas e merendas, com figurinhas de mulheres sorrindo na meia tinta das doces aguarellas . . .

O' Igreja morena, eu me recordo de ti como o poeta anonimo da canção:

Dentro de ti ouvem missa
Dois olhos que me dão pena...

.... e mando soterrar o meu corpo em o meu mosteiro de Santa Clara.

Testamento da Rainha Santa.

SANTA CLARA VELHA

Tardes de Maio, estranhas tardes, em que os poentes morrem, para lá de Santa Clara, numa agonia lenta e emaranhada no vago das neblinas.

Velho Convento de Santa Clara, meio soterrado já, engelhado visinho do João de Brito, com as suas paredes mergulhando, como num beijo profundo, na frescura da varzea rescendente de laranjaes, que os rouxinoes na primavera, a cantar, povoam de grandes sonhos...

Velho Convento de morenas pedras sorrindo, em abandono, num gesto sem-

pre moço, na fresca evocação do Milagre das Rosas.

Doce e tropego amigo, eterno namorado do rio de areias de oiro que, pelo inverno, o alaga e o namora nas suas aguas . . .

Chamou o Infante huum dos seus e disse: — Vós sabees esta cidade melhor q̃ outro q̃ aqui vaa, por que estevestes já aqui no estudo: Dona Maria pousa nas casas Dalvaro Fernamdes de Carvalho, emcaminhae per tal lugar, per hu possamos hir a ellas.

Fernão Lopes

Chronica d'El-Rey D. Fernando

INDICE

Capa — Reproducção d'um prato da olaria popular de Coimbra.
Carta-prefacio, pag. V.
Dedicatoria, pag. 1.
Ao leitor pio, pag. 5.
Cartas reprovadas, pag. 7.
Coimbra leda, pag. 31.
De longe, pag. 67.
Avé, Marias, pag. 83.
Pedras morenas, pag. 97.